

NAC: UM MARCO HISTÓRICO NA ARTE PARAIBANA

Ao comemorar seus trinta anos, o NAC resgata uma história de resistência e contribuição efetiva para o desenvolvimento das artes visuais na Paraíba, confirmando o papel histórico da UFPB nesse processo

Por Júlio Américo

Década de 70. O Brasil sentia os efeitos do período da ditadura. Era um tempo sombrio no qual a fisionomia do regime se evidenciava também no patrulhamento ideológico. Nessas circunstâncias, a produção artístico-cultural no país estava represada e poucas obras conseguiam passar pelo crivo da censura. No entanto, nas artes, o processo criativo florescia em suas diversas expressões. A criatividade aparecia como ferramenta essencial para ir além dos cortes da ditadura. Foi um momento histórico propício à arte engajada e, paradoxalmente, mais livre.

Assim, nas artes plásticas, desencadeava-se um movimento de renovação, tendo a experimentação como a tônica dessa transformação. O que se entende hoje como arte contemporânea foi o resultado da busca de novas formas de fazer arte, novos materiais, além da exploração do universo da subjetividade humana e suas relações com a sociedade, com uma arte intimista e enigmática, explorando com muito mais veemência os espaços do simbólico, do metafórico e do imaginário dos sentimentos e sonhos humanos, considerando-o em sua dimensão individual e coletiva.

Contudo, esse modo de lidar com a criação artística desenvolveu-se muito mais no sudeste do país, principalmente no eixo que compreendia os Estados do Rio de Janeiro e São Paulo. Nas outras regiões, ainda não se tinha despertado para as possibilidades advindas dessa nova etapa da produção artística.

Na Paraíba, na contramão dessa realidade, começavam a surgir entre os artistas e críticos de arte, os primeiros movimentos de busca de novas proposições no campo das artes visuais fora do eixo Rio/São Paulo. Era um movimento vigoroso que se iniciava como resultado de debates acontecidos a partir de iniciativas da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e de seus parceiros.

OS PRIMEIROS ANOS DO NAC

O Museu de Artes Assis Chateaubriand, em Campina Grande, na Paraíba, foi o cenário de um seminário protagonizado por um grupo de artistas e técnicos direta e indiretamente ligados à UFPB, no qual foi lançada a proposta de criação de um núcleo de artes plásticas que pudesse responder às expectativas desse movimento que pretendia colocar as artes visuais como vanguarda dessa inovadora concepção de arte conceitual. Entre os participantes do evento, estavam Antônio Dias, Francisco Pereira da Silva Junior (Chico Pereira) e o teórico Paulo Sergio Duarte. Como resultado dessa discussão, em 18 de setembro de 1978, nasce o Núcleo de Arte Contemporânea (NAC), vinculado à Pró-Reitoria para Assuntos Comunitários, coordenada, então, pelo Professor Iveraldo Lucena. A repercussão da criação do NAC foi tanta que, na sua inauguração, estavam presentes figuras de destaque nacional, como os artistas Mário Pedrosa, Roberto Pontual, Carmem Portinho (ex-diretora do MAM-Rio e ex-diretora da Escola Superior de Desenho Industrial), Alberto Buettenmuller e Ziraldo.

O NAC também foi um dos frutos da idéia de criar núcleos de pesquisa e extensão que forjassem as condições propícias para que a UFPB pudesse responder aos desafios que a conjuntura da época apresentava, confirmando o seu compromisso com a sociedade. Nascido no reitorado do Professor Lynaldo Cavalcanti, o NAC foi Instalado na Rua das Trincheiras, num casarão branco, com traços de arquitetura Art Nouveau, tombado em 26 de agosto de 1980 pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba (IPHAEP).

Naquela época, o NAC iniciava seu trabalho com a proposta de promover uma outra percepção das artes visuais. O teórico Paulo Sergio Duarte, no artigo “A retina da história” define com precisão essa proposta: “O trabalho não se encontra nos efeitos do trabalho, mas no processo de construção de um outro olhar. Esta sua verdade participante. E faz isso agindo como linguagem, naturalmente. Esta a sutileza do trabalho, sua astúcia, mostrar o invisível junto ao visível. Mostrar que apenas para percebê-lo é necessário ao mesmo tempo desarticular os códigos da tradição, mesmo moderna” (Dyógenes Chaves Gomes (org.). *Núcleo de Arte Contemporânea da Paraíba/NAC*. Rio de Janeiro: FUNARTE, 2004).

Do ano de sua fundação até 1985, sob a coordenação de Raul Córdula, o NAC, através de um conselho interdisciplinar, uma equipe técnica e outros parceiros, conseguiu realizar diversas atividades que confirmaram a novidade de sua proposta de arte contemporânea, principalmente para o público nordestino, acostumado à tradição do retrato, da paisagem e da natureza morta. Raul Córdula afirmava esse, como um dos

grandes desafios do Núcleo. Em artigo intitulado “A experiência renovadora do NAC no campo da extensão universitária”, ele questionava: “Como colocar para uma comunidade, que ficou à margem das informações culturais por duas décadas, que as folhas de papel vegetal penduradas nos varais por Paulo Roberto Leal, o lixo recolhido na praia por Chico Pereira, a perspectiva invertida da Escala-Águila de Cildo Meireles, ou o feijão com arroz de Ana Maria Maiolino, entre tantas mostras que se sucederam no NAC, eram a mais pura expressão da arte atual” (Dyógenes Chaves Gomes (org.). *Núcleo de Arte Contemporânea da Paraíba/NAC*. Rio de Janeiro: FUNARTE, 2004).

A partir desse desafio, o NAC realizou cerca de sessenta exposições tradicionais, além de instalações, performances, projeções, palestras, cursos de fundamentos teóricos da arte brasileira, oficinas e outros eventos, buscando parcerias dentro da UFPB, com o Departamento de Artes, envolvendo inclusive os alunos; em nível local, com artistas plásticos, integrantes do meio cultural, entidades sindicais e associativas e instituições de ensino fundamental e médio, para a formação de seu público-alvo; em nível nacional, com a FUNARTE (Fundação Nacional de Arte), a EAV (Escola de Artes Visuais do Rio de Janeiro), a Pinacoteca de São Paulo, entre outros parceiros que possibilitaram o intercâmbio com a produção nacional e a difusão, em escala nacional, da arte contemporânea paraibana.

Mantendo-se fiel à sua proposta inicial, nos primeiros anos de sua atuação, quando as grandes investidas artísticas ficavam circunscritas ao sul do país, o NAC já promovia a inserção da arte contemporânea nordestina no circuito artístico nacional. Além disso, como núcleo de extensão da UFPB, viabilizou o intercâmbio entre importantes críticos de arte e artistas brasileiros e estrangeiros. Então considerado pioneiro, o NAC se notabilizou pela difusão de novas mídias nas artes plásticas, a exemplo da arte postal, arte xérox, livro de artista, filme de artista, vídeoarte, instalações e exibição da fotografia como arte, além da valorização de manifestações vanguardistas da cultura e da sociedade paraibanas.

Naquele período histórico, o NAC contou com nomes importantes da arte contemporânea, que deram uma contribuição imprescindível ao seu trabalho, desde sua fundação. Entre eles, destacaram-se: o artista plástico e crítico de arte Chico Pereira, o sociólogo Silvino Espínola, os artistas Antônio Dias e Raul Córdoba, o professor Paulo Sergio Duarte, Roberto Burle Marx, Rúbens Gerchman, além de outros nomes importantes no cenário artístico local e nacional.

Entre as realizações do NAC nesse período estão a publicação intitulada ALMA/NAC – um resumo das atividades do NAC entre os anos de 1978 e 1980, em

especial as exposições realizadas nesse período; o convênio com a pinacoteca de São Paulo que trouxe, entre outras, a revolucionária instalação “a bolha” do artista plástico paulista Marcelo Nietsche; em parceria com a FUNARTE, a criação de um programa de artistas visitantes para capacitação de técnicos, do alunado e de outros agentes da comunidade; a formação do acervo de pedras litográficas – um dos poucos do Brasil, com peças que contam a história da impressão litográfica paraibana no início do século XX. O NAC, inclusive, foi o primeiro lugar no Brasil a mostrar a fotografia como arte.

APESAR DAS SOMBRAS, O NAC SEGUE ADIANTE

Em 1985, acontece a reabertura política e o país caminha na direção do regime democrático. Porém, ao mesmo tempo em que acabava o patrulhamento promovido no período da ditadura, os governos seguintes à reabertura política foram gradativamente subtraindo os recursos destinados à educação pública. Conseqüentemente, também as universidades públicas sofreram com a falta de recursos, principalmente na área artístico-cultural. Como decorrência dessa realidade, o NAC passou por um longo período no qual os coordenadores que se seguiram enfrentaram muitas dificuldades, especialmente no que tange à infra-estrutura e investimentos que viabilizassem seus projetos e ações. No entanto, por meio de parcerias, convênios, intercâmbios e outras formas de captação de recursos, o NAC manteve-se ativo e perseverou durante sua história, a fidelidade aos seus objetivos iniciais, preservando sua importância histórica para as artes visuais na Paraíba.

A partir da segunda metade da década de 80, após um período de reforma que durou aproximadamente dois anos, o NAC retomou sua trajetória na direção da promoção, consolidação e difusão das artes visuais contemporâneas. Os anos que se seguiram foram de muitos frutos, considerando a conjuntura nem sempre favorável.

UM ESPAÇO DE REFERÊNCIA PARA OS ARTISTAS

Durante sua história, o NAC foi revelando sua fisionomia, por meio de traços que marcaram suas intervenções. Um de seus pontos fortes foi o relacionamento com os artistas. As exposições foram a vitrine de trabalhos que introduziram artistas novos no cenário da arte contemporânea paraibana e ajudaram a consolidar o trabalho de artistas consagrados, além de contribuir decisivamente para formar público, familiarizando a comunidade com as novas linguagens e formas de experimentação em artes visuais.

Em alguns anos, o NAC chegou a ter mais de quinze exposições anuais, sem perder de vista a qualidade dos trabalhos apresentados. Nomes como Fred Svendsen, Martinho Patrício, Alice Vinagre, José Rufino, Rodolfo Atahyde, Walter Wagner, entre tantos outros, foram protagonistas de diversos projetos, entre os quais os projetos Conexão e Perfil do Artista. Fred Svendsen, referindo-se à história do NAC, afirmou: “O NAC foi muito importante na formação contemporânea de pelo menos mais da metade dos artistas da cidade de João Pessoa”.

Com o tempo, o NAC foi se firmando como referência para além das fronteiras da Paraíba, principalmente a partir de intercâmbios firmados com instituições do nordeste e de outras regiões do Brasil, o que promovia a ida de artistas paraibanos para diversas regiões do país. Por meio dessa e de outras iniciativas, muitos artistas locais, além de expor no NAC, tiveram o seu trabalho reconhecido fora do Estado, expondo em outros estados e tendo obras premiadas em eventos nacionais, a exemplo dos salões nacionais da Bahia e do Rio de Janeiro, do Panorama da Arte Brasileira e da Mostra da Gravura contemporânea (MAC/PR). Esse fato possibilitou a difusão e a valorização da produção local pelo Brasil afora. Além disso, esses intercâmbios também propiciaram a vinda de artistas de outros estados à Paraíba, o que fortaleceu a arte contemporânea no Estado e permitiu ao público local, conhecer também a produção nacional.

UMA PEDAGOGIA QUE ALIOU ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

Desde o início de sua trajetória, o NAC, não só pensou os espaços de exposição para artistas locais, de todos estados e até estrangeiros, mas principalmente para os alunos formados nos cursos de Artes visuais da UFPB. Nesse sentido, procurou aliar, em seu trabalho, ensino, pesquisa e extensão, fazendo também de suas dependências, um espaço privilegiado para exposição de trabalhos produzidos pela comunidade universitária, em especial nas Oficinas Básicas de Arte.

Durante as diversas exposições, era atendida uma média mensal de 200 pessoas, entre as quais arte-educadores e alunos da rede pública municipal e estadual e da comunidade de João Pessoa. Através de visitas guiadas às exposições, os bolsistas ligados ao NAC dialogavam acerca das técnicas de pintura, fotografia e escultura, leitura de obras de arte, linguagens e estilos artísticos, entre outros elementos da arte contemporânea. Obras de artistas consagrados foram apreciadas pelo público-alvo do NAC, como os trabalhos de Raul Córdula, Chico Pereira, Gregório Otero, Ricardo Peixoto, Virgínia

Colares, Liana Chaves, Gustavo Moura, Fran Lima, Ana Lúcia Pinto, Josildo Dias, Dieter Ruckberle, Cristina Strapção, Bella Santiago, Modesto Maciel, Marília Diaz e outros. Essa intervenção era complementada com a promoção de seminários, palestras, oficinas e outros eventos onde se discutia os conceitos e as inúmeras possibilidades das artes visuais. Era um trabalho permanente de alfabetização visual dirigido à arte contemporânea.

O projeto Arte na Escola é outro fruto da ação pedagógica interdisciplinar do NAC. Implantado em 1995, através de uma parceria com a Fundação Iochpe, esse projeto possibilitou a realização de vários cursos para professores de educação artística, com aulas expositivas sobre educação artística e leitura de obras de arte, visitas às escolas e acesso a um rico acervo de vídeos especializados em arte contemporânea, centenas de catálogos de artistas brasileiros, dezenas de slides e várias dezenas de livros.

NAC: A CENA ATUAL E AS POSSIBILIDADES

Atualmente, as atividades do NAC estão voltadas para atender aos estudantes da UFPB, especialmente os alunos do curso de artes visuais, as escolas da rede pública e privada, os arte-educadores e a comunidade em geral, oferecendo cursos, palestras, oficinas nos mais variados temas do mundo da arte contemporânea.

A partir de 2007, sob a coordenação de Marta Penner, iniciou-se um movimento buscando, além de dar continuidade aos objetivos do núcleo, priorizar quatro linhas de atuação: restauração do prédio histórico onde se encontra instalado desde sua fundação; revitalização dos ateliês de formação em litogravura, serigrafia e xilogravura; formação de público em arte, principalmente a comunidade escolar e dos bairros vizinhos ao NAC; e a ocupação do espaço expositivo, priorizando professores da UFPB e de universidades vizinhas que desenvolvam pesquisas teórico-práticas em arte contemporânea, alunos e ex-alunos do Curso de Artes Visuais da UFPB e jovens artistas paraibanos e de outros estados.

Com a perspectiva criada pelos editais para financiamentos de projetos, o NAC já caminha no sentido de concretizar suas metas. Nessa direção, já existem dois projetos aprovados pelo Banco do Nordeste do Brasil: “Faça chuva ou faça sol” e “Projeto Calango”. O primeiro já foi desenvolvido nos meses de outubro, novembro e dezembro de 2007 e março e abril de 2008, envolvendo 12 bolsistas. Já o segundo, o Projeto Calango – um ateliê voltado para a produção, pesquisa e ensino sobre Histórias em Quadrinhos e Animação –, ainda está em atividade.

Comemorando os trinta anos de história do NAC, a coordenação atual – composta por Marta Penner e o vice-coordenador Marco Aurélio Damasceno –, juntamente com a equipe formada pelos alunos do curso de Artes Visuais Fabrícia Jordão e Raquel Stanick, aprovou o projeto “NAC 30 anos: sobrevivendo nas trincheiras”, uma parceria da UFPB com a Fundação Ormeo Junqueira Botelho para a captação de recursos pela FUNARTE. Este projeto integrou a Rede Nacional FUNARTE de Artes Visuais, com uma programação composta de palestras, oficinas, mesas redondas e exposições. Para 2009, já estão aprovados mais dois projetos, sendo um pelo Fundo de Incentivo à Cultura Augusto dos Anjos, do Governo da Paraíba, e outro através da FUNARTE.

No entanto, é imprescindível evidenciar que a história do NAC é muito mais que uma seqüência de fatos e realizações. É, antes, uma experiência cravada na memória de cada um daqueles que foram parte dessa história: artistas, alunos, professores, teóricos, gestores, comunidade. Todos, ano após ano, fizeram do NAC um marco histórico e um ícone da arte contemporânea na Paraíba e no Brasil. É essa experiência que precisa ser continuamente resgatada, especialmente pelos gestores públicos, para garantir a sua permanência na vanguarda da arte contemporânea e a fidelidade aos seus objetivos iniciais, principalmente no sentido de firmar-se enquanto um ambiente onde ensino, pesquisa e extensão estejam harmonicamente interligados para promover, difundir e consolidar as artes visuais como espaço de afirmação do homem como protagonista na recriação do belo, em todas as suas formas, sua pluralidade, sua plena liberdade.